

Robert K. Massie

*C*atarina,
A GRANDE

RETRATO DE UMA MULHER



Tradução
Ângela Lobo de Andrade

Pecco



A INFÂNCIA DE SOFIA

O PRÍNCIPE CRISTIANO AUGUSTO de Anhalt-Zerbst dificilmente se distinguia na chusma de obscuros nobres empobrecidos que con-turbavam o panorama e a sociedade da politicamente fragmentada Ale-manha do século XVIII. Não possuindo qualidades excepcionais nem vícios alarmantes, o príncipe Cristiano demonstrava as sólidas virtudes de sua linhagem Junker: um grave senso de ordem e disciplina, integri-dade, parcimônia e piedade, aliados a uma inabalável falta de interesse por fofocas, intrigas, literatura e o mundo externo em geral. Nascido em 1690, fez carreira como soldado profissional no Exército do rei Frederico Guilherme da Prússia. Sua atuação militar em campanhas contra a Suécia, França e Áustria foi meticulosamente organizada, mas suas proe-zas no campo de batalha não foram extraordinárias, e nada aconteceu para acelerar ou retardar sua carreira. Quando veio a paz, o rei, que certa vez teria se referido a seu leal oficial como “aquele idiota, Zerbst”, deu-lhe o comando de um regimento de infantaria que guarnecia o porto de Stettin, recentemente adquirido da Suécia, na costa báltica da Pomerâ-nia. Ali, em 1727, o príncipe Cristiano, ainda solteiro aos 37 anos, acedeu aos apelos da família e se dispôs a produzir um herdeiro. Vestindo seu melhor uniforme azul e portando sua reluzente espada cerimonial, des-pôs a princesa Joana Elizabeth de Holstein-Gottorp, de 15 anos de idade, que ele mal conhecia. A família dele, que havia arranjado a união com a dela, estava exultante. A linhagem de Anhalt-Zerbst parecia asse-gurada e, além disso, a família de Joana estava um degrau acima na escala de posição social.

Foi um mau casamento. Havia problemas de diferença de idade. A união de uma adolescente com um homem de meia-idade geralmente é fruto de uma confusão de motivos e expectativas. Quando Joana, de uma boa família, mas com pouco dinheiro, chegou à adolescência, e seus pais, sem consultá-la, arranjaram essa união a um homem respeitável com quase o triplo de sua idade, Joana só pôde consentir. Fato ainda menos promissor, o caráter e o temperamento dos dois eram quase to-talmente opostos. Cristiano Augusto era simples, honesto, austero, re-

cluso e parcimonioso. Joana Elizabeth era complicada, vivaz, amante do prazer e extravagante. Era considerada bela e, com as sobranceiras arqueadas, cabelos louros cacheados, charme e uma exuberante vontade de agradar, atraía facilmente as pessoas. Em ocasiões sociais, tinha necessidade de cativar, mas, à medida que envelhecia, tentava um pouco demais. Com o tempo, outras falhas apareceram. Muita conversa alegre revelava sua superficialidade; quando era contrariada, seu charme azedava para a irritabilidade, e o temperamento forte explodia sem aviso. Subjacente a esse comportamento, e Joana sabia disso desde o início, estava o fato de que seu casamento havia sido um terrível – e agora inescapável – erro.

A confirmação veio rapidamente, quando ela viu a casa em Stettin, para onde o marido a trouxera. Joana havia passado a juventude em ambientes extremamente elegantes. Tinha II irmãos e, como a família formava um ramo menor ligado aos duques de Holstein, seu pai, o bispo luterano de Lübeck, levou Joana para morar com a madrinha, duquesa de Brunswick, que não tinha filhos. Ali, na mais suntuosa e magnífica corte do Norte da Alemanha, ela se acostumou a uma vida de lindas roupas, pessoas sofisticadas, bailes, óperas, concertos, fogos de artifício, caçadas e frequentes mexericos divertidos.

Seu marido, Cristiano Augusto, oficial de carreira vivendo com um magro soldo do Exército, não podia oferecer nada disso. O melhor que pôde arrumar foi uma modesta casa de pedras cinzentas numa rua calçada, constantemente varrida pelo vento e a chuva. A cidade fortificada de Stettin, cercada por muralhas sobre o triste Mar do Norte e dominada pela rígida atmosfera militar, não era um lugar onde a alegria, a graciosidade e quaisquer refinamentos sociais pudessem florescer. As esposas na guarnição tinham uma vida tediosa, e a vida das mulheres na cidade era ainda mais tediosa. E ali exigia-se que a jovem animada, recém-chegada do luxo e dos divertimentos da corte de Brunswick, vivesse com uma renda mínima, ao lado de um marido puritano dedicado à vida militar, habituado a uma economia severa, equipado para comandar, mas não para conversar, e ansioso pelo êxito da mulher no empreendimento para o qual a desposara: dar-lhe um herdeiro. Nesse sentido, Joana fez o melhor possível – era uma esposa obediente, ainda que infeliz. Mas sempre, no fundo, ela ansiava por ser livre: livre do marido enfadonho, livre da relativa penúria, livre do estreito mundo provinciano de Stettin. Sempre teve certeza de que merecia algo melhor. E então, passados 18 meses do casamento, ela teve um bebê.

Aos 16 anos, Joana não estava preparada para as realidades da maternidade. Havia lidado com a gravidez enovelando-se em sonhos de que os filhos seriam extensões dela mesma, e a vida deles poderia abrir uma larga avenida para ela percorrer realizando suas próprias ambições. Nesses sonhos, tinha a certeza de que a criança em seu ventre – seu primogênito – seria um filho herdeiro do pai e, principalmente, um menino bonito, extraordinário, cuja brilhante carreira ela viria a orientar e finalmente compartilhar.

Às duas e meia de 21 de abril de 1729, na fria madrugada cinzenta do Báltico, nasceu o bebê de Joana. Ai, a pessoinha era uma menina. Joana e o mais conformado Cristiano Augusto conseguiram dar um nome à criança, Sofia Augusta Frederica, mas, desde o começo, Joana não conseguiu sentir nem expressar qualquer sentimento maternal. Não amamentou nem acariciou a filha. Não perdia tempo olhando-a no berço, nem a pegava no colo. Em vez disso, entregou abruptamente a menina aos cuidados de criados e amas de leite.

Uma possível explicação é que o processo do parto quase custou a vida de Joana. Depois do nascimento de Sofia, a mãe adolescente permaneceu 19 meses confinada ao leito. Uma segunda explicação é que Joana era ainda muito jovem e suas altas ambições na vida estavam longe de realizadas. Mas o motivo mais forte, subjacente, foi que o bebê era menina, e não menino. Ironicamente, embora ela não pudesse saber então, o nascimento dessa filha viria coroar a realização de sua vida. Se o bebê tivesse sido o menino tão ardentemente desejado, e se tivesse vivido até a idade adulta, teria sucedido o pai como príncipe de Anhalt-Zerbst. Nesse caso, a história da Rússia teria sido diferente e jamais teria existido o pequeno nicho que Joana Elizabeth conquistou.

Dezoito meses depois do nascimento da filha, Joana deu à luz o filho que foi sua paixão. Seu amor por esse segundo filho, Guilherme Cristiano, tornou-se ainda mais intenso quando ela percebeu que a criança tinha um problema sério. O menino, que parecia sofrer de raquitismo, era sua obsessão. Ela o acariciava, mimava e não o perdia de vista, dedicando-lhe toda a afeição que negara à filha. Sofia, já bem ciente de que seu nascimento havia sido uma decepção para a mãe, observava o amor com que Joana cercava o irmãozinho. Beijinhos afetuosos, sussurros carinhosos, ternos afagos concedidos ao menino – e Sofia observava. Certamente, é comum a mãe de um filho com dificuldades ou uma doença crônica dedicar mais tempo a essa criança, assim como é normal que outras crianças da família se ressentam dessa afeição desproporcional.

Mas a rejeição de Joana por Sofia começara antes do nascimento de Guilherme e persistiu, de forma ainda mais agravada. O resultado desse favoritismo materno foi uma ferida permanente. A maioria das crianças rejeitadas ou negligenciadas em favor de um irmão reage mais ou menos como Sofia reagiu: para evitar maiores mágoas, bloqueou seus sentimentos. Nada lhe era dado, e nada era esperado. O pequeno Guilherme, que simplesmente aceitava a afeição da mãe como coisa normal, não tinha culpa nenhuma da injustiça, mas mesmo assim Sofia o odiava. Quarenta anos mais tarde, escrevendo suas *Memoirs*, seu ressentimento ainda despontava:

Disseram-me que não fui recebida com muita alegria. Meu pai achava que eu era um anjo; minha mãe não prestava muita atenção em mim. Um ano e meio depois, ela [Joana] deu à luz um menino a quem idolatrou. Eu era meramente tolerada e frequentemente repreendida com uma violência e raiva que eu não merecia. Eu sentia isso sem que o motivo estivesse perfeitamente claro em minha mente.

Guilherme Cristiano não é mais mencionado nas *Memoirs* até sua morte, em 1742, com a idade de 12 anos. Então, o breve relato de Sofia é puramente clínico:

Ele viveu apenas até os 12 anos e morreu de febre pintada [escarlatina]. Só após sua morte souberam a causa da doença que o obrigava a andar sempre de muletas e para a qual os remédios sempre lhe eram dados em vão, e foram consultados os mais famosos médicos da Alemanha. Aconselharam a levá-lo aos banhos em Baden e Karlsbad, mas a cada vez ele voltava tão manco quanto antes, e sua perna ficava menor à proporção que se tornava mais alto. Depois de sua morte, seu corpo foi dissecado e descobriram que o quadril era deslocado, e deve ter sido assim desde bebê... Na morte dele, minha mãe ficou inconsolável e foi necessária a presença de toda a família para ajudá-la a suportar a dor.

Essa amargura apenas sugere o enorme ressentimento de Sofia com relação à mãe. O mal causado à menina pelas óbvias demonstrações de preferência de Joana marcou profundamente o caráter de Sofia. Sua rejeição em criança ajuda a explicar a busca constante, quando mulher, por aquilo que tinha perdido. Mesmo quando imperatriz Catarina, no auge

do poder autocrático, ela desejava não somente ser admirada por sua mente extraordinária e obedecida enquanto imperatriz, mas também encontrar o afeto elementar que seu irmão, e não ela, havia recebido da mãe.

As famílias principescas do século XVIII, mesmo as de menor importância, mantinham o aparato da classe. As crianças da nobreza tinham amas, governantas, tutores, professores de música, dança, equitação e religião para exercitá-las no protocolo, na conduta e nas crenças das cortes europeias. A etiqueta era primordial; as crianças praticavam cumprimentos e reverências centenas de vezes até que a perfeição fosse automática. As aulas de linguagem eram de suma importância. Os jovens príncipes e princesas tinham de saber falar e escrever em francês, a língua da *intelligentsia* europeia. Nas famílias aristocráticas germânicas, a língua alemã era considerada vulgar.

A influência de sua governanta, Elizabeth (Babet) Cardel, foi fundamental nessa época da vida de Sofia. Babet, francesa huguenote que achou a Alemanha protestante mais conveniente do que a França católica, foi encarregada de supervisionar a educação de Sofia. Babet logo entendeu que a frequente beligerância de sua pupila era fruto da solidão e de uma ânsia por estímulos e afeição. Babet lhe deu isso. E também deu a Sofia o que veio a ser seu permanente amor pelo idioma francês, com todas as suas possibilidades de lógica, sutileza, espírito e vivacidade na escrita e na conversação. As aulas começaram com *Les Fables de La Fontaine* e depois passaram a Corneille, Racine e Molière. Boa parte de seus estudos, Sofia diria mais tarde, havia sido pura memorização. “Logo notaram que eu tinha boa memória; a partir daí, eu era atormentada incessantemente para aprender tudo de cor. Ainda possuo a Bíblia alemã em que todos os versículos que eu precisava decorar estão sublinhados com tinta vermelha.”

A abordagem de ensino de Babet era suave em comparação à do pastor Wagner, um pedante capelão do Exército escolhido pelo pai de Sofia, fervoroso luterano, para instruir a filha em religião, geografia e história. A rígida metodologia de Wagner – memorizar e repetir – obtinha poucos progressos com a aluna que Babet descrevia como um *esprit gauche* e que obtinha perguntas desconcertantes, como: Por que grandes homens da Antiguidade, como Marco Aurélio, eram condenados à danação eterna se não tinham conhecido a salvação de Cristo e, portanto,

não poderiam ser redimidos? Wagner respondeu que era a vontade de Deus. Qual era a natureza do universo antes da Criação? Wagner respondeu que era um estado de caos. Sofia pediu uma descrição desse caos original. Wagner não sabia. A palavra “circuncisão”, usada por Wagner, naturalmente acionou a pergunta: O que é isso? Wagner, estarecido na situação em que se encontrou, recusou-se a responder. Ao descrever os horrores do Juízo Final e a dificuldade de alcançar a salvação, Wagner aterrorizou tanto a aluna que “toda noite, no crepúsculo, eu ia chorar na janela”. No dia seguinte, porém, ela retaliou: Como a infinita bondade de Deus pode admitir os terrores do Juízo Final? Wagner, gritando que não havia respostas racionais para essas perguntas, e o que ele ensinava deveria ser aceito pela fé, ameaçou a pupila com a bengala. Babet interveio. Mais tarde, Sofia escreveu: “Estou convencida, no fundo da minha alma, de que Herr Wagner era um idiota.” E acrescentou: “Em toda a minha vida, sempre tive inclinação para ceder somente diante da gentileza e da razão, e para resistir à pressão.”

Nada, porém, nem a gentileza, nem a pressão, poderia ajudar seu professor de música, Herr Roellig, em sua tarefa. “Ele sempre trazia consigo uma criatura que urrava em tom baixo”, ela escreveu mais tarde a seu amigo Frederico Melchior Grimm. “Ele o trazia para cantar em meu quarto. Eu ouvia e dizia a mim mesma ‘ele urra como um touro’, mas Herr Roellig exultava de prazer quando a garganta do baixo entrava em ação.” Ela jamais superou sua incapacidade para apreciar a harmonia. “Desejo ardentemente ouvir e apreciar música”, Sofia Catarina escreveu em suas *Memoirs*, “mas tento em vão. É barulho aos meus ouvidos, e pronto.”

A influência da didática de Babet Cardel em sua infância permaneceu viva na imperatriz Catarina e, anos depois, ela expressou sua gratidão: “Tinha uma alma nobre, a mente culta, um coração de ouro; era paciente, gentil, animada, justa, coerente – em suma, o tipo de governanta desejável para toda criança.” A Voltaire, ela escreveu que era “a pupila de *mademoiselle* Cardel”. E em 1776, quando tinha 47 anos, escreveu a Grimm:

Nem sempre se pode saber o que as crianças estão pensando. É difícil entender as crianças, principalmente quando uma educação esmerada as acostuma à obediência, e a experiência as torna cautelosas na conversa com os professores. Você não extrai disso a boa má-

xima de que não se deve ralhar muito com as crianças, mas torná-las confiantes para que não escondam suas bobagens de nós?

Quanto mais independência Sofia demonstrava, mais sua mãe se preocupava. A menina era arrogante e rebelde, Joana definiu. Era preciso acabar com essas qualidades antes que a filha fosse oferecida em casamento. Como o casamento era o único destino de uma princesa de menor representação, Joana estava determinada a “extirpar dela o demônio do orgulho”. Dizia repetidamente à filha que ela era feia e impertinente. Sofia era proibida de falar, a não ser que falassem com ela, e de expressar suas opiniões a adultos. Era obrigada a se ajoelhar e beijar a barra da saia de todas as mulheres nobres que as visitavam. Sofia obedecia. Embora privada de afeição e aprovação, ela ainda mantinha uma atitude respeitosa diante da mãe, permanecia calada, submissa às ordens de Joana, abafando as próprias opiniões.

Mais tarde, o orgulho disfarçado em humildade veio a ser reconhecido como uma tática deliberada e útil que Sofia – renomeada Catarina – usava ao enfrentar as crises e o perigo. Quando ameaçada, ela se envolvia num manto de mansidão, deferência e temporária submissão. Aqui também se vê o exemplo de Babet Cardel, uma mulher bem-nascida que aceitou a posição inferior de governanta, mas, ainda assim, conseguiu manter o respeito próprio, a dignidade e o orgulho que a elevaram, aos olhos de Sofia, a um lugar mais alto que o de sua mãe.

Naqueles anos, Sofia era exteriormente uma criança alegre. Isso se devia, em parte, à ardente curiosidade e, em parte, à pura energia física. Tinha necessidade de grande quantidade de exercício. Passeios no parque com Babet não bastavam, e seus pais permitiam que ela brincasse com as crianças da vila. Sofia assumiu facilmente o comando desses grupinhos de meninos e meninas, não apenas por ser uma princesa, mas por ser naturalmente líder, e sua imaginação criava brincadeiras de que todos gostavam de participar.

A certa altura, Cristiano Augusto foi promovido, passando de comandante da guarnição a governador de Stettin, um progresso que o autorizava a se mudar com a família para uma ala do castelo de granito na praça principal da cidade. A mudança para o castelo não trouxe melhora para Joana. Ela continuava infeliz, ainda incapaz de se ajustar à situação em que a vida a colocara. Havia se casado com alguém de posição inferior à

dela e, em vez da vida brilhante com que sonhara, agora não passava de uma senhora provinciana numa vila militar. Dois filhos seguiram-se aos dois primeiros – outro menino e outra menina –, mas não lhe trouxeram mais felicidade.

Em seu desejo de escapar, seus pensamentos se voltaram para as relações que ainda mantinha com a nobreza. Por nascimento, Joana pertencia a uma das grandes famílias da Alemanha, a casa ducal de Holstein-Gottorp, e estava convencida de que, com a posição de sua família, sua inteligência, charme e vivacidade, ainda poderia criar para si um lugar melhor no mundo. Passou a dedicar tempo a cultivar o relacionamento com seus parentes, escrevendo-lhes cartas e visitando-os regularmente. Ia muito a Brunswick, a refulgente corte de sua infância, onde Rembrandts e Van Dycks decoravam as paredes. Todo mês de fevereiro, na época do carnaval, ia a Berlim cumprimentar o rei da Prússia. Tinha paixão por intrigas da corte e, da perspectiva de Stettin, até as intrigas e fofocas das menores cortes germânicas, onde ela supunha que iria brilhar, a atraíam. Mas de algum modo, em todos aqueles ambientes, Joana estava sempre ciente de não ser mais que uma parente pobre, uma moça de boa família com um casamento não promissor.

Quando Sofia tinha 8 anos, Joana começou a levá-la nessas viagens. Arranjar um casamento era um dever que Joana estava determinada a cumprir, e mal não havia, mesmo nesse estágio precoce, em dar conhecimento à sociedade de que havia uma princesinha crescendo em Stettin. E, certamente, casamento era um tópico de conversação da maior importância nessas incursões de mãe e filha. Quando Sofia tinha 10 anos, falar desse ou daquele marido em potencial era comum entre suas tias e tios. Sofia nunca fez objeção a viajar com a mãe; na verdade, ela gostava. À medida que crescia, não apenas estava bem consciente do propósito dessas visitas, mas aprovava de todo o coração. O casamento oferecia a melhor via para escapar da mãe e da família e, além disso, Sofia havia sido apresentada a uma alternativa terrível: era a condição das tias solteironas, filhas em excesso da pequena nobreza do Norte da Alemanha, alojadas nas alas mais distantes dos castelos da família ou enfiadas em remotos conventos protestantes. Sofia se lembrava da visita a uma dessas infelizes, uma irmã mais velha de sua mãe, que possuía 16 cães da raça *pug* e todos dormiam, comiam e cumpriam suas funções naturais no mesmo cômodo que a dona. “Além deles, uma grande quantidade de papagaios vivia no mesmo quarto”, escreveu Sofia. “Pode-se imaginar a fragrância que reinava ali.”

Apesar do desejo de se casar, as chances de Sofia arrumar um excelente partido pareciam ser apenas acidentais. Uma safra de princesas adolescentes europeias elegíveis era produzida todo ano, e a maioria oferecia muito mais substância às famílias reais e nobres do que uma união com a insignificante casa dos pequenos Zerst. E Sofia nem era uma criança com atributos físicos notáveis. Aos 10 anos, tinha um rosto feio, com um queixo fino e protuberante, que Babet Cardel a aconselhava a manter cuidadosamente recolhido. Sofia entendeu o problema de sua aparência. Mais tarde, escreveu:

Não sei se quando criança eu era realmente feia, mas lembro-me bem de sempre me dizerem que eu era e, portanto, devia me esforçar para mostrar qualidades interiores e inteligência. Até a idade de 14 ou 15 anos, eu estava firmemente convencida da minha feiura e, portanto, mais empenhada em alcançar realizações internas, e menos atenta à minha aparência externa. Vi um retrato meu pintado quando eu tinha 10 anos, e era certamente muito feio. Se realmente se parecia comigo, nada de falso me disseram.

E assim foi que, apesar das probabilidades medíocres e da aparência meio feiosa, Sofia percorreu o Norte da Alemanha acompanhando a mãe. Nessas viagens, acrescentou novos temas a sua educação. Ouvindo as conversas dos adultos, aprendeu a genealogia da maioria das famílias reais da Europa. Uma visita foi de especial interesse. Em 1739, um irmão de Joana, Adolfo Frederico, príncipe-bispo de Lübeck, foi designado guardião do jovem recém-órfão duque de Holstein, Carlos Pedro Ulrich, de 11 anos de idade. Era um menino extraordinariamente bem relacionado, presumivelmente destinado a um futuro glorioso. Era o único neto vivo de Pedro, o Grande, da Rússia, e, além disso, o primeiro na linha de sucessão ao trono da Suécia. Um ano mais velho que Sofia, era também seu primo em segundo grau pelo lado materno. Assim que ele ficou sob a tutela do irmão, Joana não perdeu tempo em levar Sofia a uma visita ao príncipe-bispo. Em suas *Memoirs*, Sofia-Catarina descreve Pedro Ulrich como “agradável e bem-nascido, embora seu gosto por beber já fosse perceptível”. Essa descrição do órfão de 11 anos estava longe de ser completa. Na realidade, Pedro Ulrich era pequeno, delicado e doentio, com olhos esbugalhados, queixo retraído e ralos cabelos louros caindo pelos ombros. Era subdesenvolvido, tanto física como emocionalmente. Tímido e solitário, vivia cercado de tutores e instrutores, sem contato com ninguém da mesma idade, não lia nada e era glutão nas refeições. Mas

Joana, como qualquer outra mãe de filha casadoira, observava todos os movimentos do menino, e seu coração se elevou quando viu a filha, de 10 anos, conversando com ele. Depois Sofia viu a mãe cochichando com as tias. Mesmo naquela idade, sabia que estavam falando sobre a possibilidade de uma união dela com aquele menino esquisito. Não se importou. Já tinha dado asas à imaginação:

Eu sabia que algum dia ele seria rei da Suécia e, embora eu ainda fosse uma criança, o título de rainha soava docemente aos meus ouvidos. Desde então, as pessoas me faziam gracejos a respeito dele e gradualmente me acostumei a pensar que estava destinada a ser sua esposa.

Enquanto isso, a aparência de Sofia melhorava. Aos 13 anos, era esguia, seus cabelos castanho-escuros eram sedosos, a testa alta, olhos azuis brilhantes e a boca curva como um botão de rosa. O queixo pontudo tinha ficado menos proeminente. Suas outras qualidades começavam a atrair a atenção. Era inteligente e sagaz. Nem todos a achavam insignificante. Um diplomata sueco, conde Henning Adolfo Gyllenborg, que conheceu Sofia na casa da avó dela em Hamburgo, ficou impressionado com sua inteligência e disse a Joana, na presença de Sofia: “Madame, a senhora não conhece a menina. Asseguro-lhe que ela tem mais inteligência e caráter do que a senhora lhe atribui. Portanto peço-lhe que preste mais atenção a sua filha, pois ela merece, em todos os aspectos.” Joana não se impressionou, mas Sofia jamais esqueceu essas palavras.

Ela estava descobrindo como fazer as pessoas gostarem dela e, uma vez aprendida essa habilidade, praticava-a brilhantemente. Não se tratava de um comportamento sedutor. Sofia – mais tarde Catarina – nunca foi coquete. Não era o interesse sexual que lhe interessava despertar, mas a solidária, cálida compreensão que o gentil conde Gyllenborg lhe dispensara. Para provocar essas reações nas pessoas, ela usava meios tão convencionais e modestos que pareciam quase sublimes. Entendeu que as pessoas preferiam falar a ouvir, e falar sobre si mesmas acima de tudo. Nesse sentido, sua mãe, pateticamente ansiosa para ser considerada importante, oferecia um bom exemplo de como não se comportar.

Outros sentimentos se agitavam em seu interior. Sofia estava despertando para a sensualidade. Aos 13 e 14 anos, ela frequentemente ia para seu quarto ainda com a inquietação de uma energia nervosa. Na tentativa de obter algum alívio, sentava-se na cama, colocava um travesseiro duro entre as pernas e, cavalgando um cavalo imaginário, “galopava

até ficar exausta”. Quando as criadas entravam no quarto para investigar o barulho, encontravam-na deitada quietinha, fingindo estar dormindo. “Nunca fui apanhada no ato”, disse ela. Havia uma razão para seu férreo controle em público. Sofia tinha um único desejo, primordial: escapar da mãe. Entendia que sua única rota de fuga era o casamento. Para conseguir isso, precisava se casar, e não somente desposar qualquer marido, mas um que a elevasse a uma posição o mais alto possível acima de Joana.

Todavia, ela sucumbiu a um episódio de paixão adolescente. Aos 14 anos, flertou com um tio jovem e belo, irmão mais novo de sua mãe, Jorge Lewis. Dez anos mais velho que Sofia e atraído pela fresca inocência da sobrinha em flor, o reluzente tenente dos couraceiros começou a fazer-lhe a corte. Sofia descreve o progresso desse pequeno romance, que terminou com o tio Jorge pedindo-a subitamente em casamento. Ela ficou estupefata: “Eu não sabia nada sobre o amor e nunca o associei a ele.” Lisonjeada, ela hesitou; o homem era irmão da mãe dela. “Meus pais não vão permitir”, ela disse. Jorge Lewis argumentou que o parentesco não era obstáculo, que uniões desse tipo ocorriam frequentemente em famílias aristocráticas da Europa. Confusa, Sofia permitiu que o tio Jorge continuasse a cortejá-la. “Ele era muito bonito na época, tinha lindos olhos e sabia da minha propensão. Eu estava acostumada a ele. Sentia-me atraída e não o evitava.” Afinal ela pensou em aceitar a proposta do tio, desde que “meu pai e minha mãe dessem seu consentimento. Nesse momento, meu tio se abandonou inteiramente à paixão, que era extrema. Aproveitava todas as oportunidades para me abraçar e era hábil em criá-las, mas, afora alguns beijos, era tudo muito inocente”.

Sofia estava realmente preparada para deixar de lado a ambição de ser rainha e se tornar cunhada da própria mãe? Por um momento, ela hesitou. Talvez pudesse ceder, permitir os avanços de Jorge Lewis e se casar com ele. Mas antes que acontecesse alguma coisa definitiva, chegou uma carta de São Petersburgo.